

Português

Compreensão e Interpretação de Textos

Considerações sobre o texto

O texto (do latim *textu*, “tecido”) é um conjunto de partes articuladas e organizadas entre si. Para entender o texto em sua totalidade, é preciso estabelecer a relação entre as partes, visto que o todo é a síntese das partes. Para que se tenha acesso à totalidade, é necessário o assunto do qual se fala, ou seja, o tema do texto.

Contexto

O contexto é um dos responsáveis por variar o significado das palavras. Quando se desconhece uma palavra, através do contexto, é possível interpretá-la.



Contexto: no quartel
Significado: atirar



Contexto: em um incêndio
Significado: fogo



Contexto: na rua, um dos interlocutores está com cigarro
Significado: fósforo



Contexto: uma menina de dez anos subindo em uma árvore
Significado: levada, peralta

Perceba que a palavra “fogo”, usada em quatro contextos diferentes, muda completamente de significado, bastando apenas uma alteração de situação.

O conhecimento de mundo

Para compreender e interpretar um texto, faz-se necessária um conhecimento de mundo, vivências do leitor. Sem isso, a compreensão do texto será parcial.

O implícito

Implícito refere-se ao fato de algo estar pressuposto, subentendido, nas entrelinhas. É mais difícil de ser percebido, por não está de maneira expressa, ou seja, não está escrito no texto, é preciso inferir.

Exemplo: - Maria, o José parou de vender contrabando do Paraguai?

- Ele vendia coisas do Paraguai?

Embora um interlocutor desconhecesse o fato, o verbo “parar” pressupõe que “Josimar”, em algum momento, contrabandeou.

A progressão textual

Um texto é um amontoado de partes, mas essas partes precisam estar articuladas entre os parágrafos, não são organizadas de maneira aleatória. A progressão lógica do texto se dá por meio de marcadores de coesão (conjunções, preposições, pronomes relativos etc) e coerência (encadeamento lógico). Esses marcadores estabelecem ritmo, direção e, conseqüentemente, uma progressão textual, através das possibilidades dos conectivos de contrariar, somar, negar, confirmar, introduzir, finalizar etc.

Funções da Linguagem

A língua possui duas funções principais:

1 - Um sistema de respostas por meio do qual os indivíduos se comunicam (comunicação interindividual)

2 - Um sistema de respostas que auxilia o pensamento e a ação do indivíduo (comunicação intraindividual).

Com isso, a comunicação é encarada sob três perspectivas diversas que resumem as funções fundamentais da linguagem. Do ponto de vista de quem fala (trata-se aqui de expressar um pensamento, sentimento ou desejo) é um sintoma; do ponto de vista de quem ouve (uma chamada que é respondida com uma ação verbal ou não) é um sinal; da comunicação (da coisa que se fala) é um símbolo.

Expressão	Representação	Apelo
Eu língua de primeira pessoa é o próprio falante	Ele língua de terceira pessoa que fala das coisas sobre as quais se diz algo	Tu língua de segunda pessoa, aquele a quem se dirige o enunciado, atuando sobre ele.
preponderante na lírica	fala de objetos e relações	pronomes demonstrativos ou língua imperativa ou de comando
Sou bem nascido, Menino / Fui como os demais, feliz, / Depois veio o mau destino / E fez de mim o que quis.	O Brasil vai entrar na era atômica. Governo legaliza venda da Cruzeiro.	Vem cá, João! Fica quieto, piá!
Sintoma	Símbolo	Sinal

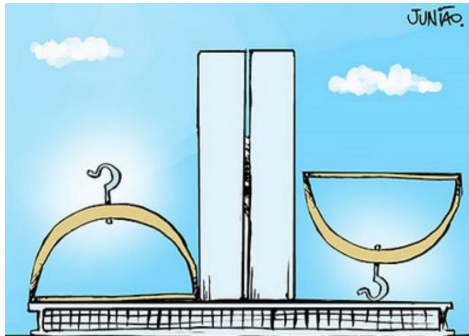
Pressupostos

São ideias não construídas de modo explícito. O sentido decorre da lógica apresentada por algumas palavras e/ou expressões contidas no texto (a informação depreendida é indiscutível). **Nesse caso a leitura é garantida.**

- Mário *confessou* que desviou a verba. (Pressupõe que ele é culpado)

Subentendido ou Inferências

São insinuações não marcadas linguisticamente (o autor dá a entender, não garante explicitamente, as informações são discutíveis). O subentendido é de responsabilidade do leitor, por isso é preciso atenção às possibilidades contextualizadas. **Nesse caso temos leituras possíveis.**



Implicatura

É um sentido derivado que atribuímos a um enunciado depois de constatar que seu sentido literal é irrelevante para a situação. Se perguntamos: "Qual é a função de Pedro no jornal?" e ouvimos "Pedro é o filho do chefe", podemos depreender dessa resposta que Pedro não tem função nenhuma, que Pedro não faz nada ou que Pedro não precisa fazer nada.

Nem as implicaturas nem as pressuposições fazem parte do conteúdo explicitado. A diferença entre elas está no fato de que, com respeito às pressuposições, a estrutura linguística nos oferece os elementos que permitem depreendê-las; já com as implicaturas isto não acontece — o suporte linguístico é menos óbvio e, portanto, elas dependem, principalmente, do conhecimento compartilhado da situação pelo falante e pelo ouvinte. As pressuposições fazem parte do sentido literal das frases, enquanto as implicaturas são estranhas a ele.

Ambiguidade

É aquilo que apresenta duas faces, dois sentidos. Há diversas construções linguísticas que desencadeiam a ambiguidade, por isso, é interessante que se conheça a gramática e suas aplicações a fim de se evitar o erro.

Exemplo:

- O assessor do presidente comunicou a *sua* demissão. (“sua” pode se referir a “assessor” ou a “presidente”)

Interpretando o texto

O primeiro objetivo de uma interpretação de um texto é a identificação de sua ideia principal. A partir daí, localizam-se as ideias secundárias, ou fundamentações, as argumentações, ou explicações, que levem ao esclarecimento das questões apresentadas na prova.

Normalmente, numa prova, o candidato é convidado a:

Identificar: é reconhecer os elementos fundamentais de uma argumentação, de um processo, de uma época (neste caso, procuram-se os verbos e os advérbios, os quais definem o tempo).

Comparar: é descobrir as relações de semelhança ou de diferenças entre as situações do texto.

Comentar: é relacionar o conteúdo apresentado com uma realidade, opinando a respeito.

Resumir: é concentrar as ideias centrais e/ou secundárias em um só parágrafo.

Parafrasear: é reescrever o texto com outras palavras.

Interpretar um texto não é simplesmente saber o que se passa na cabeça do autor quando ele escreve seu texto. É, antes, inferir. Se eu disser: “Levei minha filha caçula ao parque.”, pode-se inferir que tenho mais de uma filha. Ou seja, inferir é retirar informações implícitas e explícitas do texto. E será com essas informações que o candidato irá resolver as questões de interpretação na prova.

Há de se tomar cuidado, entretanto, com o que chamamos de “conhecimento de mundo”, que nada mais é do que aquilo que todos carregamos conosco, fruto do que aprendemos na escola, com os amigos, vendo televisão, enfim, vivendo. Isso

porque muitas vezes uma questão leva o candidato a responder não o que está no texto, mas exatamente aquilo em que ele acredita.

EXEMPLO



É mundialmente reconhecida a qualidade do champanhe francês. Imaginemos, então, que em um texto o autor trate do assunto “bebidas finas” e escreva que na região de Champagne, na França, é produzido um champanhe muito conhecido. Mais tarde, em uma questão, a banca pergunta qual foi a abordagem do texto em relação ao tema e coloca, em uma das alternativas, que o autor afirma que o melhor champanhe vendido no mundo é o da região de Champagne, na França. Se você for um candidato afoito, vai marcar essa alternativa como correta, certo?, sem parar para pensar que o autor não havia feito tal afirmação e que, na verdade, o que ele assegurou foi que há um champanhe que é muito conhecido e que é produzido na França. O fato de possivelmente ser o melhor do mundo é uma informação que você adquiriu em jornais, revistas etc. Entendeu a diferença?

Propositadamente, a banca utiliza trechos inteiros idênticos ao texto só para confundir o candidato e, ao final, coloca uma afirmação falsa. Cuidado com isso! Contudo, não basta retirar informações de um texto para responder corretamente às questões. É necessário saber de onde tirá-las. Para tanto, temos que ter conhecimento da estrutura textual e por quais processos se passa um texto até seu formato final de dissertação, narração ou descrição.

Como o tipo mais cobrado em provas de concurso é a dissertação, vamos entender como ela se estrutura e em que ela se baseia.

Quando dissertamos, diz-se que estamos argumentando. Mas argumentando o quê? A respeito de quê?

Para formular os argumentos, antes necessitamos de uma tese, algo que vamos afirmar e defender, a respeito de um determinado assunto.

Então, por exemplo, se o assunto é “Aquecimento global” é imperativo apresentar uma tese baseada nele. Pode-se escrever “O aquecimento global tem

sido motivo de preocupação por parte dos cientistas”, ou “A população deve preocupar-se com o superaquecimento do planeta” etc. O importante é que na tese esteja claro aquilo que deverá ser sustentado por meio de argumentos.

O próximo passo é estabelecer quais argumentos poderão ser utilizados para tornar a afirmação feita na tese cada vez mais sólida.

Apresentados os argumentos, basta concluir a dissertação.

Tudo o que aqui foi exposto é apenas ilustrativo para que se tenha ideia de como um texto é estruturado e, a partir daí, estudar o texto apresentado e procurar no lugar certo a resposta para cada questão.

Vejamos:

Normalmente, a tese é explicitada na primeira frase do primeiro parágrafo, coincidindo com o que chamamos de “tópico frasal”, aquela sentença que usamos para chamar a atenção em um texto e apresentá-lo de forma clara. Mas ela pode aparecer também na última frase do primeiro parágrafo.

Disso decorre que sempre que precisar encontrar a tese do texto para responder a questões sobre o que o autor pensa, por exemplo, deve-se procurá-la no primeiro parágrafo.

Todavia, se a banca quiser saber em que o autor se fundamentou para fazer tal afirmação, basta procurar a resposta nos parágrafos em que forem apresentados os argumentos.

Por exemplo, em uma prova do MPU, cargo Analista Processual, da banca Fundação Carlos Chagas, foi perguntado aos candidatos o que revelava a argumentação do autor. Dentre as alternativas apresentadas, bastava saber qual era fundamentalmente um argumento utilizado pelo autor e o que ele demonstrava. É, portanto, muito importante conhecer a estrutura de um texto para saber trabalhá-lo de forma a fazer com que ele seja um aliado na conquista de um cargo público.

Erros de Interpretação

É muito comum, mais do que se imagina, a ocorrência de erros de interpretação. Os mais frequentes são:

a) Extrapolação (viagem)

Ocorre quando se sai do contexto, acrescentando ideias que não estão no texto, quer por conhecimento prévio do tema quer pela imaginação.

b) Redução

É o oposto da extrapolação. Dá-se atenção apenas a um aspecto, esquecendo que um texto é um conjunto de ideias, o que pode ser insuficiente para o total do entendimento do tema desenvolvido.

c) Contradição

Não raro, o texto apresenta ideias contrárias às do candidato, fazendo-o tirar conclusões equivocadas e, conseqüentemente, errando a questão.

Coesão e Coerência Textual

A Coesão e a Coerência são fundamentais na construção textual. Para que um texto seja eficaz na transmissão da sua mensagem, é essencial que faça sentido para o leitor e que também seja harmonioso, de forma que a mensagem flua de forma segura, natural e agradável aos ouvidos.

Coesão

A Coesão é a harmonia, resultado da disposição e da correta utilização dos marcadores (ou conectivos) que propiciam a ligação entre frases, períodos e parágrafos de um texto, colaborando, assim, para a sua organização.

Mecanismos de Coesão: Anáfora e Catáfora

A anáfora e a catáfora se referem à informação expressa no texto e, por esse motivo, são qualificadas como endofóricas.

Enquanto a anáfora retoma um componente já apresentado no texto, a catáfora, pelo inverso, antecipa um componente textual, contribuindo para ligar os segmentos do texto entre si e fazê-lo fluir de forma harmoniosa e sem repetições.

Exemplos:

- Líder do Nacional afirma temer seu ex-técnico Marco Aurélio, *que* deve deixar o time após o jogo de hoje. (O pronome relativo “que” é um **conectivo anafórico**, recuperando o antecedente “Marco Aurélio”).



- Foi difícil chegar a este design. (O pronome demonstrativo “este” é um **conectivo catafórico** projeta a ilustração do “design”, que está à direita).

Algumas Regras

Algumas regras que possibilitam a coesão no texto:

Referência

- **Pessoal:** utilização de pronomes pessoais e possessivos. Exemplo: João e Maria casaram. **Eles** são pais de Ana e Beto. (Referência pessoal anafórica)
- **Demonstrativa:** utilização de pronomes demonstrativos e advérbios. Exemplo: Fiz todas as tarefas, com exceção **desta**: arquivar a correspondência. (Referência demonstrativa catafórica)
- **Comparativa:** utilização de comparações através de semelhanças. Exemplo: Mais um dia **igual aos** outros... (Referência comparativa endofórica)

Substituição

Substituir um elemento (nominal, verbal, frasal) por outro é uma forma de evitar as repetições.

Exemplo: Vamos à prefeitura amanhã, eles irão na próxima semana.

Observe que a diferença entre a referência e a substituição está expressa especialmente no fato de que a substituição acrescenta uma informação nova ao texto. No caso de “João e Maria casaram. Eles são pais de Ana e Beto”, o pronome pessoal referencia as pessoas João e Maria, não acrescentando informação adicional ao texto.

Elipse

Um componente textual, quer seja um nome, um verbo ou uma frase, pode ser omitido através da elipse.

Exemplo: Temos ingressos a mais para o concerto. Você os quer?

(A segunda oração é perceptível mediante o contexto. Assim, sabemos que o que está sendo oferecido são ingressos para o concerto.)

Conjunção

A conjunção liga orações estabelecendo uma relação entre elas.

Exemplo: Nós não sabemos quem é o culpado, **mas** ele sabe. (adversativa)

Coesão Lexical

A coesão lexical consiste na utilização de palavras que possuem sentido aproximado ou que pertencem a um mesmo campo lexical - sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, entre outros.

Exemplo: Aquela escola não oferece as condições mínimas de trabalho. A instituição está literalmente caindo aos pedaços.

Coerência

A Coerência é a relação lógica das ideias de um texto que decorre da sua argumentação - resultado especialmente dos conhecimentos do transmissor da mensagem.

Um texto contraditório e redundante, ou cujas ideias iniciadas não são concluídas, é um texto incoerente. A incoerência compromete a clareza do discurso, a sua fluência e a eficácia da leitura.

Assim, a incoerência não é só uma questão de conhecimento, decorre também do uso de tempos verbais e da emissão de ideias contrárias.

Exemplos:

- O relatório está pronto; porém o estou finalizando até agora. (processo verbal acabado e inacabado)
- Ele é vegetariano e gosta de um bife muito mal passado. (os vegetarianos são assim classificados pelo fato de se alimentar apenas de vegetais)

Fatores de Coerência

São inúmeros os fatores que contribuem para a coerência de um texto, tendo em vista a sua abrangência. Vejamos alguns:

Conhecimento de Mundo

O conjunto de conhecimento que adquirimos ao longo da vida e que são arquivados na nossa memória. São os chamados frames (rótulos), esquemas (planos de funcionamento, como a rotina alimentar: café da manhã, almoço e jantar), planos (planejar algo com um objetivo, tal como jogar um jogo), scripts (roteiros, tal como normas de etiqueta).

Exemplo: Peru, Panetone, frutas e nozes. Tudo a postos para o Carnaval!

Uma questão cultural nos leva a concluir que a oração acima é incoerente, pois “peru, panetone, frutas e nozes” (frames) são elementos que pertencem à celebração do Natal e não à festa de carnaval.

Inferências

Através das inferências, as informações podem ser simplificadas se partimos do suposto que os interlocutores partilham do mesmo conhecimento.

Exemplo: Quando os chamar para jantar, não esqueça que eles são indianos. (ou seja, em princípio, esses convidados não comem carne de vaca)

Fatores de contextualização

Há fatores que inserem o interlocutor na mensagem providenciando a sua clareza. São exemplos os títulos de uma notícia ou a data de uma mensagem.

Exemplo:

- Está marcado para às 10h.
- O que está marcado para às 10h? Não sei sobre o que está falando.

Informatividade

Quanto mais informação não previsível um texto tiver, mais rico e interessante ele será. Dizer o que é óbvio ou insistir numa informação e não desenvolvê-la desvaloriza o texto.

Exemplo: O Brasil foi colonizado por Portugal.

Princípios Básicos

Após termos visto os fatores acima, é essencial estar atento aos seguintes princípios para se obter um texto coerente:

- Princípio da Não Contradição - ideias contraditórias
- Princípio da Não Tautologia - ideias redundantes
- Princípio da Relevância - ideias que se relacionam

Diferença entre Coesão e Coerência

Coesão e coerência são coisas diferentes, de modo que um texto coeso pode ser incoerente. Ambas estão relacionadas com as regras essenciais para uma boa produção textual.

Enquanto a coesão trata especialmente da articulação interna, ou seja, uma questão gramatical, a coerência trata da articulação externa e mais profunda da mensagem.

Sinônimos e Antônimos

As palavras podem, quanto à forma e ao sentido, ser classificadas em sinônimos e antônimos.

Sinônimos

São palavras com grafia diferente e significado semelhante ou aproximado. Na coesão de um texto, por exemplo, a função do sinônimo é evitar a repetição. Observe:

São Paulo é uma cidade distante da Bahia, mas, mesmo longe, precisaremos ir até lá.

As palavras "longe" e "distante" são diferentes na escrita, mas apresentam sentidos parecidos. Podemos afirmar, portanto, que são palavras sinônimas. Elas, ainda, estão a serviço da coesão do texto, evitando a repetição.

Antônimos

São palavras de grafia diferente e significação oposta.

*“A **luz** reina sobre as **trevas**.
Ele é **bom** em História e **ruim** em Matemática.*

*Ou foi **aprovado** ou **reprovado**.”*

Não se esqueça de que falar em **sinônimo** é também falar em conhecimento vocabular. Esse é adquirido através da leitura e da consulta ao dicionário.

As bancas de concurso sabem que muitos candidatos não dão atenção devida à leitura, então exploram questões do tipo:

EXEMPLO



Exemplo de Questões

Ano: 2017 **Banca:** VUNESP **Órgão:** TJ-SP **Prova:** Escrevente Técnico Judiciário

Há quatro anos, Chris Nagele fez o que muitos executivos no setor de tecnologia já tinham feito – ele transferiu sua equipe para um chamado escritório aberto, sem paredes e divisórias.

Os funcionários, **até então**, trabalhavam de casa, mas ele queria que todos estivessem juntos, para se conectarem e colaborarem mais facilmente. Mas em pouco tempo ficou claro que Nagele tinha cometido um grande erro. Todos estavam distraídos, a produtividade caiu, e os nove empregados estavam insatisfeitos, sem falar do próprio chefe.

Em abril de 2015, quase três anos após a mudança para o escritório aberto, Nagele transferiu a empresa para um espaço de 900 m² onde hoje todos têm seu próprio espaço, com portas e tudo.

Inúmeras empresas adotaram o conceito de escritório aberto – cerca de 70% dos escritórios nos Estados Unidos são assim – e até onde se sabe poucos retornaram ao modelo de espaços tradicionais com salas e portas.

Pesquisas, **contudo**, mostram que podemos perder até 15% da produtividade, desenvolver problemas graves de concentração e até ter o dobro de chances de ficar doentes em espaços de trabalho abertos – fatores que estão contribuindo para uma reação contra esse tipo de organização.

Desde que se mudou para o formato tradicional, Nagele já ouviu colegas do setor de tecnologia dizerem sentir falta do estilo de trabalho do escritório fechado. “Muita gente concorda – simplesmente não aguentam o escritório aberto. Nunca se consegue terminar as coisas e é preciso levar mais trabalho para casa”, diz ele.

É improvável que o conceito de escritório aberto caia em desuso, mas algumas firmas estão seguindo o exemplo de Nagele e voltando aos espaços privados.

Há uma boa razão que explica por que todos adoram um espaço com quatro paredes e uma porta: foco. A verdade é que não conseguimos cumprir várias tarefas ao mesmo tempo, e pequenas distrações podem desviar nosso foco por até 20 minutos.

Retemos mais informações quando nos sentamos em um local fixo, afirma Sally Augustin, psicóloga ambiental e de design de interiores.

(Bryan Borzykowski, “Por que escritórios abertos podem ser ruins para funcionários.” Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 04.04.2017. Adaptado)

1) Segundo o texto, são aspectos desfavoráveis ao trabalho em espaços abertos compartilhados:

- a) a impossibilidade de cumprir várias tarefas e a restrição à criatividade.
- b) a dificuldade de propor soluções tecnológicas e a transferência de atividades para o lar.
- c) a dispersão e a menor capacidade de conservar conteúdos.
- d) a distração e a possibilidade de haver colaboração de colegas e chefes.
- e) o isolamento na realização das tarefas e a vigilância constante dos chefes.

2) É correto afirmar que a expressão – até então –, em destaque no início do segundo parágrafo, expressa um limite, com referência

- a) temporal ao momento em que se deu a transferência da equipe de Nagele para o escritório aberto.
- b) espacial aos escritórios fechados onde trabalhava a equipe de Nagele antes da mudança para locais abertos.
- c) temporal ao dia em que Nagele decidiu seguir o exemplo de outros executivos, e espacial ao tipo de escritório que adotou.
- d) espacial ao caso de sucesso de outros executivos do setor de tecnologia que aboliram paredes e divisórias.
- e) espacial ao novo tipo de ambiente de trabalho, e temporal às mudanças favoráveis à integração.

3) O termo privado está em relação de sentido com público, seu antônimo, da mesma forma que estão as palavras

- a) insatisfeitos e desabonados.
- b) tradicional e usual.
- c) distraídos e atentos.
- d) conectar e interligar.

e) improvável e inaceitável.

4) Assinale a frase do texto em que se identifica expressão do ponto de vista do próprio autor acerca do assunto de que trata.

- a) “Nunca se consegue terminar as coisas e é preciso levar mais trabalho para casa”, diz ele. (6° parágrafo).
- b) Inúmeras empresas adotaram o conceito de escritório aberto... (4° parágrafo).
- c) Retemos mais informações quando nos sentamos em um local fixo, afirma Sally Augustin... (último parágrafo).
- d) Os funcionários, até então, trabalhavam de casa, mas ele queria que todos estivessem juntos... (2° parágrafo).
- e) improvável que o conceito de escritório aberto caia em desuso... (7° parágrafo).

Gabarito

- 1) C
- 2) A
- 3) C
- 4) E